

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

Journal do Verde

Class.:

13

Data

25/10/77

Pg.:

Ambiente

SP

O deputado explica como deseja o desenvolvimento da Amazônia

O deputado paulista Sérgio Cardoso de Almeida (Arena) desmentiu, ontem, as declarações atribuídas a ele a respeito do desmatamento da Amazônia. Aqueias declarações teriam sido feitas na semana passada, durante uma visita à I Exposição da Feira Agropecuária de Altamira, no Pará.

Segundo os despachos dos correspondentes dos jornais, Cardoso de Almeida teria feito, na ocasião, declarações como: a) as matas representam para o Brasil a paralisação do desenvolvimento nacional; b) na Amazônia, o desmatamento deve ser ampliado, inclusive com a utilização de desfolhantes químicos como o "agente laranja"; c) quem defende a preservação das florestas e os direitos dos índios são os esquerdistas.

Pois não era isso, esclareceu, ontem, o deputado. Ele diz que fez um discurso, ao final de um jantar em um hotel situado no km 48 da Transamazônica, entre Altamira e Itaituba, diante do governador do Pará, autoridades militares, deputados estaduais e federais e secretários do Estado — discurso este que foi aplaudido, segundo o deputado.

— Em meu discurso — diz o deputado — apelei a todos, com ênfase ao governador do Pará, sobre a necessidade de se modificar o tipo de exploração das terras que margeiam a Transamazônica, onde em cada margem da estrada cem quilômetros são do Incra e que irão, fatalmente, ser aproveitados. Pedi para que se conseguisse do sr. presidente da República uma mensagem governamental facultando os livres empreendimentos do quilômetro 30 ao 100 de cada lado, uma vez que a agricultura e a pecuária, levados só no aspecto social, apresentam índices de gravosidade, pois aproveitando-se 70 por cento dessas terras pelos proprietários médios ou grandes do sul do País, que estão querendo comprar terras lá, nós vamos ter uma agropecuária lucrativa, como existe em São Paulo, no Paraná e em outros Estados.

— Com a arrecadação de impostos para o governo e dando ao Incra recursos, com a venda dessas terras, para o atendimento do lado social dos colonos nos 30 por cento da área, iríamos ter cafezais e plantações de soja, milho, cacau e uma pecuária desenvolvidos ao máximo. Com isto, o Pará teria o mesmo destino econômico dos Estados do sul e, logicamente, se toda a Amazônia seguisse este exemplo em volta das estradas federais, nós receberíamos bilhões de dólares na exportação, sendo que, certamente, iríamos manter a liderança da produção cafeeira mundial e nos tornaríamos, em poucos anos, o maior exportador de carne bovina do mundo.

— Mas, para isso, devemos aproveitar toda a terra em volta das estradas, sem os empecilhos da legislação atual do Incra, que praticamente afugenta o empresário o aproveitamento daquelas terras, consideradas as melhores do Brasil por um professor do solo da Escola de Agricultura de Piracicaba. Apelei também, para que se disciplinasse a questão indígena no Brasil, pois naquela área, imune de reservas indígenas, um grupo de três ou quatro índios surgiu na colonização, justamente onde estão-se localizando duas mil famílias do Rio Grande do Sul participantes da Cooperativa Cotrijuf, e flecharam os topógrafos criando problemas aos órgãos governamentais.

— Pedi um realismo econômico, uma modificação de leis para que o problema da ecologia e do índio fossem adequados ao progresso e ao desenvolvimento do País, porque nos cinco milhões de quilômetros quadrados da Amazônia cabem perfeitamente áreas imensas de uma economia agropecuária e mesmo de indústrias de celulose e áreas infinitas dedicadas à preservação da natureza e dos índios que muitos querem que continuem intactos no seu estado selvagem.

— Fiquei impressionado com a deturpação dos fatos, pois chegaram, inclusive, a inventar uma história do "agente laranja" que não cheguei a citar e que não serve para derrubar mato, porque o que derruba mato na Amazônia é o braço brasileiro, que faz isso desde a época do descobrimento, porque as nossas terras boas e produtivas, que contribuíram para a economia da Nação, sempre estiveram escondidas debaixo das florestas. E se não fossem derrubadas as florestas no Estado de São Paulo e em outras regiões e aproveitadas essas terras para a produção, me parece que o Brasil não seria um país livre e dos brasileiros.